



Educação pesquisante em agroecologia: o papel da universidade pública *Research education for agroecology: the role of the public university*

LARANJEIRA, Nina Paula¹; CANAVESI, Flaviane²; ALMEIDA, Bárbara³

¹Pesquisadora Instituto Biorregional do Cerrado – IBC, nina.laranjeira@yahoo.com.br ; ² Docente UnB, canavesi.flaviane@gmail.com; ³Professora, Secretaria de Estado de Educação (SEDF), barbara.unbfe@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Educação em Agroecologia

Resumo: A partir da constatação do déficit de formação de metodologias participativas de estudantes da UnB foi oferecida a disciplina Pesquisa-ação participante em Agroecologia, à Extensão Universitária a partir do Núcleo de Agroecologia. Teve como objetivo a formação de estudantes de graduação em metodologias de pesquisa baseadas em princípios de participação e horizontalidade das relações entre pesquisadoras/es e agricultoras/es, com respeito e valorização de conhecimentos não acadêmicos. Contou com debates teóricos a partir de leituras dirigidas de bibliografia atualizada atendendo a questões como transdisciplinaridade, perspectivas decoloniais e feministas, considerando a leitura de cientistas que elaboraram sobre o tema. Contou com atividades de campo para exercício da praxis. Ao final, as/os estudantes demonstraram trazer a teoria para as reflexões a partir das práticas. A formação teórico-prática qualifica a extensão universitária para que esta incida em uma agenda de pesquisa e ensino contextualizada e serve como caminho para a inserção curricular da Extensão Universitária, reestruturar a formação acadêmica e reforçar o papel social da Universidade pública.

Palavras-chave: extensão universitária, pesquisa-ação, pesquisa-participante, ensino de agroecologia.

Introdução

A partir da problemática evidenciada na deficitária formação de estudantes, sobretudo com relação à extensão universitária, foi criada uma disciplina, baseada no estudo de metodologias participativas, tendo como foco a pesquisa-ação participante, associada a um projeto de extensão de ação continuada, o Núcleo de estudos, pesquisa e extensão em Agroecologia (NEA-UnB). Estas metodologias, muito utilizadas nas décadas de 1970 e 1980 (COLETTE, 2021) são importantes para a construção do conhecimento agroecológico, contudo, sua abordagem é restrita, ou mesmo ausente, nos cursos de graduação.

O objetivo geral da disciplina, estrategicamente associada a um projeto de extensão continuado, foi a formação de estudantes de graduação em metodologias de pesquisa baseadas na participação e na horizontalidade das relações entre pesquisadoras/es e agricultoras/es, com respeito e valorização de conhecimentos não acadêmicos.

Como estratégia, a disciplina estava aberta a várias áreas do conhecimento, a fim de fomentar as trocas interdisciplinares, importantes na relação entre práticas



acadêmicas e não acadêmicas. Buscou ampliar a prática de estudantes com relação às metodologias participativas e, a partir de uma interação com agricultoras/es agroecológicas/os, refletir sobre sua formação e o papel da Universidade, num contexto de exigências de inserção curricular da extensão universitária conforme Resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE) n.º 7, de dezembro de 2018.

Metodologia

O conteúdo teórico metodológico foi selecionado após uma revisão de literatura que buscou analisar produções recentes sobre os indexadores: pesquisa ação, pesquisa participante, interculturalidade, metodologias decoloniais. Foi perceptível nesta busca dois aspectos: 1- o baixo acesso e divulgação de referências que atualizam o debate do tema que se concentra em experiências de décadas anteriores e, 2 - as referências basicamente de autores, invisibilizando estudos e pesquisas de mulheres autoras, o que compromete, em essência, o caráter participativo. Desta forma, buscou-se trabalhos de releituras dos clássicos a partir da práxis, bem como, garantir o reconhecimento das mulheres na ciência a partir do estudo de pensadoras de referência. Inicialmente, buscou-se explanar de forma introdutória, por parte das docentes, o material teórico formativo utilizando-se aulas reversas: leitura prévia pelas/os estudantes e debate do conteúdo. Para desenvolver a ideia de (de)colonialidade e da importância do diálogo intercultural, realizamos uma oficina sobre ancestralidade, a partir da árvore genealógica recente dos próprios estudantes, convidados a montá-la em aula.

Os estudos teóricos orientaram a elaboração coletiva de "pílulas de saberes": *podcasts* elaborados em grupo que discutiram e divulgaram os conteúdos apreendidos. Paralelamente ao estudo teórico e à prática da reflexão para comunicação em três *podcasts*, realizou-se atividades em Brasília/DF de observação participante em campo, nas quais as/os estudantes exercitaram o protagonismo nas ações entre universidade e sociedade.

Foram realizadas três atividades em campo, sendo: i) "Universidade na feira", onde a vivência junto aos agricultores e agricultoras desafiou estudantes a compreenderem a relação cidade-campo e a problemática do abastecimento alimentar; ii) o acompanhamento de uma Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA), observando o processo de produção e ponto de convivência no qual interagem quem consome e quem produz e; iii) a promoção de um espaço de apresentação de agricultoras/es na universidade, trazendo e expondo sua produção na "feirinha agroecológica na UnB". Em todos os momentos, foi possível a realização de rodas de conversas em que se debateu as principais questões relacionadas ao desenvolvimento rural e à realidade vivida no campo e sua importância na formação universitária.



Resultados e Discussão

Conceitos como: diálogo de saberes, trazido da pedagogia de Paulo Freire (FREIRE, 2001; HOOKS, 2017) e interculturalidade crítica (WALSH, 2012) e a pesquisa-ação na universidade (COLETTE, 2021) foram apresentados e debatidos, na construção do suporte teórico aos estudos da pesquisa-ação/pesquisa participante, sob uma perspectiva decolonial. Nesta abordagem, a Agroecologia é compreendida como ciência contextualizada, crítica e cidadã, estruturada sobre novo paradigma científico, olhar sistêmico sobre a realidade, compreensão da complexidade, dos modos de vida e de produção de conhecimento dos povos do campo, das florestas e das águas.

Transversalmente, em quase todas as aulas, foram acionadas reflexões críticas sobre o papel da universidade, reconhecendo que ao longo da história do Brasil as instituições educativas serviram para a manutenção das desigualdades sociais e hegemonia do conhecimento científico, em detrimento do reconhecimento de saberes ancestrais forjados nos territórios. A partir disso, a disciplina fomentou discussões que colocam em questão os conhecimentos que são legitimados no âmbito acadêmico perante aqueles que são negados.

Quadro 1: Temas e atividades de campo da disciplina

| | |
|---------|--|
| Tema 1 | Atualidades da pesquisa-ação, principais conceitos. |
| Tema 2 | Pesquisa-ação/pesquisa participante e extensão popular: reflexões a partir dos estudos decoloniais. |
| Tema 3 | Estudos freirianos para pensar a universidade e a educação. |
| Campo 1 | Experiência de visitação em circuitos curtos de comercialização e assentamento rural (Feira da Ponta Norte - Brasília) |
| Tema 4 | Metodologias participativas em destaque: Cadernetas agroecológicas. |
| Campo 2 | Visita à Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) |
| Tema 5 | Análise sobre sistematização de experiências e cadernetas agroecológicas. |
| Campo 3 | Feirinha Agroecológica na UnB e roda de conversa com agricultoras/es |

Fonte: acervo pessoal da pesquisa, 2022

Ainda numa perspectiva crítica, colocamos em questão estruturas de poder que operam em espaços como a universidade. Estruturas que factualmente se desdobram a partir de um projeto capitalista e que operam pela matriz epistêmica da hierarquização (BOURGUIGNON, COLIN, PASSARIN, 2021) utilizando ferramentas para manter as desigualdades e injustiças aos corpos, saberes e mundos dos sujeitos e povos subalternizados. Sob a denominação de “minorias sociais”, empobrecidas pelo Capital, diversas identidades sociais têm seus direitos restringidos, devido às suas múltiplas condições sociais: físicas, territoriais, ambientais, identitárias e culturais (MUNANGA, 2003; QUIJANO, 2004; 2005; KRENAK, 1999).



Assim sendo, reconhecemos na disciplina a importância da valorização das tradições e dos saberes tradicionais do campo e das/os agricultoras/es, pois estes afirmam identidades, favorecem conhecimentos e encontros plurais. Ancorados na leitura de bell hooks (2017), foi possível acessar e elaborar conhecimentos a partir das diferenças, fermentando saberes outros no pensar-fazer em diálogo com a realidade brasileira (bell hooks, 2017).

Os *podcasts* produzidos pelas/os estudantes demonstraram assimilação do conteúdo teórico e, mais do que isso, a correlação feita entre os conteúdos e as vivências nas atividades de campo. Além disso, a avaliação oral feita pelas/os estudantes em aula demonstrou também que a disciplina superou suas expectativas e representou para estas/es um diferencial em sua formação, com ampliação da percepção sobre a agricultura familiar, a Agroecologia e sobre a própria universidade. Estes resultados reforçaram a hipótese que fundamentou a disciplina: a relevância da prática para o aprendizado e motivação discente.

Conclusões

A disciplina Pesquisa-ação participante em Agroecologia, ainda que optativa e ligada apenas a uma unidade acadêmica (Faculdade de Agronomia e Veterinária) e especificamente ao curso de Agronomia, cumpre importante papel diante da carência de disciplinas mais práticas e reflexivas na graduação, o que foi evidenciado na surpresa demonstrada pelas/os estudantes ao se depararem com o conteúdo e metodologia utilizados. Mostra-se também eficaz na internalização dos conteúdos, e sua integração às reflexões sobre as práticas realizadas.

Para a Agroecologia, ciência edificada sobre paradigma diferenciado, não cartesiano, este formato é importante: i) academicamente: para fortalecer os Núcleos de Agroecologia (NEA), pela formação de estudantes para atuação na pesquisa contextualizada e na extensão universitária mais humanizada, ambas caras aos princípios agroecológicos, e; ii) para a formação de profissionais mais capazes de interagir com comunidades agricultoras, respeitando seus conhecimentos e construindo juntos alternativas às problemáticas identificadas por estas comunidades.

Houve uma dominância de estudantes da Agronomia, o que denota a baixa interdisciplinaridade na formação. Em menor número, a disciplina atraiu estudantes de Ciências Sociais, Gestão do Agronegócio, Ciência da Computação e Medicina Veterinária. A Agroecologia, ao contrário da Agronomia, por seu caráter inter e transdisciplinar, requer conhecimentos de outras áreas da ciência. A discussão das metodologias participativas nos remete a relações sociais e humanas, amplia o horizonte das/os estudantes e prepara para atuação em campo. Esta formação, sob nova perspectiva, mais adequada à Agroecologia, propõe sair da tradicional relação sujeito-objeto para a relação sujeito-sujeito, com respeito a outras formas de conhecer e de viver ou potencializando transições agroecológicas em processos de reciprocidade em rede de agricultoras/es, pesquisadoras/es, docentes e estudantes.



Tal mudança epistemológica põe em questão o papel social da universidade e a necessidade de mudanças estruturais e curriculares para que se cumpra esta função social. Neste contexto, a Extensão Universitária deve ser protagonista.

Considerando os resultados alcançados por uma disciplina com carga horária de apenas 30h/aula (2 créditos), vislumbra-se o potencial desta metodologia para integração da extensão universitária aos currículos e para a transformação da relação teoria-prática na universidade. Neste sentido, advoga-se aqui que a Universidade pública é o *locus* mais importante para realizar tais transformações, que poderiam reestruturar a própria universidade, valorizando as práticas extensionistas, integrando outros conhecimentos e epistemologias, promovendo a transdisciplinaridade e a descolonização do saber.

Referências bibliográficas

BOURGUIGNON, Claude; COLIN, Philippe; PASSARIN, Dalvino Veronese. Do universal ao pluriversal: questões e desafios do paradigma decolonial. [publicação original: *Raison Presente*, v. 3, n. 199, v. p. 99-108, 2016], **Revista X**, v. 16, n. 1, p. 148-158, 2021.

COLETTE, Maria Madalena. **Pesquisa-ação participativa e compromisso social da Universidade**. Curitiba: CRV, 2021.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos avançados**, v. 15, n. 42, p. 259-268, 2001.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

KRENAK, Ailton. A narrativa de Ailton: O eterno retorno do encontro. In: NOVAES, Adauto (Org.). **A outra margem do Ocidente**. São Paulo: Minc Funarte/Companhia das Letras, 1999.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Palestra Proferida no 3º SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO – PENESB-RJ, 5 nov. 2003.

QUIJANO, Aníbal. O “movimento indígena” e as questões pendentes na América Latina. **Política Externa**, v. 12, n. 4, p. 77-95, 2004.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.



WALSH, Catherine. Interculturalidad y (de)colonialidad: Perspectivas críticas y políticas. **Visão Global**, v. 15, n. 1-2, p. 61-74, 2012.